



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GABRIELA FERREIRA DOS REIS

**EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: UM OLHAR PARA O MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA**

Brasília/DF
2025

GABRIELA FERREIRA DOS REIS

**EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: UM OLHAR PARA O MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia. Orientadora:
Prof.^a Dra. Renata Silva Almendra

Brasília/DF
2025

CIP - Catalogação na Publicação

FR375 Ferreira dos Reis, Gabriela .
 / Gabriela Ferreira dos Reis;

Orientador: Renata Silva Almendra. -- Brasília, 2025.
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) --
aqui Universidade de Brasília, 2025.

1. O MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA. 2. RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA. 3. EDUCAÇÃO MUSEAL E O PAPEL DO EDUCADOR EM
MUSEUS. I. Silva Almendra, Renata, orient. II. Título.

GABRIELA FERREIRA DOS REIS

**EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: UM OLHAR PARA O MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia

Defendido e aprovado em: 11 de Fevereiro de 2025.

Banca examinadora formada pelos professores:

Profa. Dra. Renata Silva Almendra - Orientadora
Faculdade de Educação / Universidade de Brasília

Profa. Dra. Cândida Beatriz Alves – Membro Efetivo
Faculdade de Educação / Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha – Membro Efetivo
Faculdade de Educação / Universidade de Brasília

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira – Suplente
Faculdade de Educação / Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Jesus Cristo, o autor e consumidor da minha fé, por sempre me sustentar com a sua maravilhosa graça e redenção, por sempre renovar as minhas forças a cada manhã e por ter me ajudado até aqui. Obrigada Jesus, por iluminar o meu caminho com a tua lâmpada, por cada inspiração e lição que contribuiu para que eu chegasse até aqui, por me ensinar que a tua vontade deve estar sempre acima de todas as coisas e que eu posso amá-lo e servi-lo em qualquer lugar, revelando o que o Senhor é para mim, pois cada detalhe da minha vida está nos teus cuidados!

A minha maravilhosa e guerreira Mãe, obrigada por todo incentivo, amor, carinho, palavras acolhedoras e orações que sempre me motivam e me fazer ser melhor a cada dia, por sempre abnegar de si mesma para oferecer o seu melhor para mim. E ao meu querido pai, que sempre me apoiou e impulsionou, me fazendo acreditar que vale a pena enfrentar os desafios que sobrevêm no meu caminho e também, pelas diversas vezes que demonstrou atenção e cuidado para a realização dos meus sonhos.

A minha irmã de Fé e amiga Gabriela, agradeço por todo amor e carinho, por ser canal de benção em minha vida, pelas inúmeras orações que foram meu alimento e livramento! Gratidão pela troca de conselhos, partilhamento de desafios e pela sua mão amiga. Seu apoio foi muito importante nesse processo.

As minhas duas primas Bruna e Viviane, agradeço por sempre acreditar que eu seria uma profissional na área da educação, por diversas vezes me auxiliarem nos trabalhos e aclamarem que eu consigo realizar os meus sonhos.

A minha orientadora Renata, deixo registrado a minha imensa gratidão por toda direção e atenção para realização da escrita deste TCC, sem você jamais conseguiria. Obrigada por toda ajuda, atenção, incentivo e apoio, você foi fundamental para oportunizar que a construção desse artigo fosse significativa e original.

As minhas colegas de graduação Beatriz, Ohani e Luíza, obrigada por toda vivência partilhada e por nunca permitir que houvesse desistência ou soltar a mão uma da outra, por ter permitido que o estágio IV e todo o curso fosse mais leve em todo processo de aprendizagem.

MEMORIAL

O presente memorial tem como objetivo apresentar a minha experiência acadêmica enquanto discente no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade de Brasília. Estar na UnB é a realização de um sonho que se tornou realidade mediante a fé. De fato, essa oportunidade possibilitou uma trajetória rica de aprendizagens, amadurecimento e principalmente experiências no campo da Educação.

Voltar ao início, é relembrar todo o percurso trilhado para chegar até aqui; A ansiedade consumia meu peito, o que ocasionava muita tristeza. A Pedagogia não era minha primeira opção de curso, a Psicologia era o que mais mexia o meu coração. Mas, durante toda a minha jornada acadêmica, conhecer mais sobre a educação e toda a abrangência do curso de Pedagogia me fez admirar a educação.

Paulo Freire (1979) relata que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Assim, vemos a importância da educação na trajetória de todos os indivíduos, visto que causa efeito transformador em todos os aspectos da vida.

Mas por que a escolha da Pedagogia? Mediante dois sonhos: o primeiro consistiu em me ver entrando em uma sala de aula e avistando várias crianças sentadas em suas respectivas cadeiras; no outro sonho eu estava na faculdade conversando com uma professora, que relatou que todos da sala eram pedagogos, inclusive eu. Ambos os sonhos possibilitaram a escolha do curso. Ademais, em outros momentos, estava ouvindo bastante acerca da Pedagogia e as inúmeras possibilidades que este curso traz.

Uma das ricas experiências vivenciadas no curso de Pedagogia foi a realização da disciplina Estágio Supervisionado IV, que deve ser cumprido em espaços não escolares. Tive a oportunidade de realizar este estágio no Museu Nacional da República, que inspirou e resultou na elaboração deste artigo. É importante destacar que a escolha desta temática viabilizou a alteração do primeiro assunto proposto para a construção desse TFC, assim ocasionando o acréscimo de mais um semestre para a finalização do curso. A primeira escolha para o Trabalho Final de Curso foi a relação entre família e escola com alunos da educação especial, mas, após o cumprimento do estágio no Museu, os meus objetivos passaram a ter outro foco e assim criou em meu coração o anseio de atuação em espaços não escolares. A incrível experiência desse estágio norteou olhares mais amplos sobre o curso de Pedagogia e as inúmeras oportunidades que esta profissão possibilita para os

formados. Além disso, essa experiência abriu portas para que o Museu Nacional, em parceria com a Faculdade de Educação, recebesse outros alunos a fim de cumprir a carga horária de estágio e proporcionasse uma experiência rica em suas trajetórias acadêmicas.

Portanto, costumo pensar que a jornada acadêmica se assemelha a uma rosa, onde a flor representa a beleza da aquisição do conhecimento para ser aplicada, e os espinhos representam todas as dificuldades do caminho. Diversas vezes meu coração ansiava desistir pelo sentimento de incapacidade que estava dentro de mim e mediante a Fé em Jesus Cristo foram-me concedidas forças para continuar. Que trajetória linda, cheia de avanços, coragem, foco, marcos e experiências valiosas, que inclusive resultou na escrita deste artigo. Assim, refletindo sobre todos esses pontos, posso dizer que valeu a pena percorrer todo este caminho, que valeu a pena encarar as barreiras, medos, limitações e choros em prol dessa área linda que é a Educação.

Ainda na infância lembro-me de vários passeios que as escolas onde estudei me proporcionaram. Dentre esses passeios, o Museu Nacional da República era um selecionado por minha escola. Porém, não recebemos uma visita mediada pelo/a educador/a do museu e pudemos apreciar mais a parte externa do que o interior do Museu Nacional da República.

O exterior do Museu Nacional viabilizou várias observações memoráveis. Os espelhos d'água refletiam um céu azul que logo, com um olhar mais atento, percebemos a existência de vários peixes dentro desse compartimento. Em sequência, um delicioso lanche era dividido por todos como um piquenique e a parte interna do museu ficava somente como apreciação das obras expostas, mas sem uma mediação para que pudéssemos compreender o que elas retratavam. Lindos desenhos eram feitos em salas partindo daquilo que foi observado em relação à visita ao museu.

Este fato aconteceu ainda quando pertencia aos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. No entanto, no ensino superior, no curso de Pedagogia da UnB, o professor Paulo Bareicha, que oferta a disciplina da grade curricular obrigatória “Educação e Artes”, dispôs um trabalho a ser realizado por nós discentes do curso no Museu Nacional da República. Cada grupo tinha um objetivo específico, como analisar o som, acessibilidade, obras, parte exterior e/ou interior etc. Em particular, meu grupo analisou o que poderia ser mudado na parte externa do museu e neste momento, ao analisar os espelhos d'água, percebi a tamanha mudança que ocorreu ao longo dos anos, ou seja, não havia mais peixes. Ao contrário, estes espaços estavam completamente sujos.

Na apresentação do trabalho desta disciplina, eu relatei essa diferença observada e escrevi um texto que foi entregue para a supervisora do educativo do museu, Leísa Sasso. Durante a apresentação, lembro-me que alguns professores presentes choraram com todas as colocações, não somente minhas, mas também das demais colegas do grupo.

Toda essa trajetória de acesso ao Museu Nacional da República resultou em momentos reflexivos, que me remeteram às minhas idas a este museu durante a minha infância com a escola e, posteriormente, estando na educação superior. Conduzida pelo professor Paulo Bareicha, pude retornar ao museu como estagiária e perceber não somente as mudanças, mas também conhecer o museu interiormente, observando a montagem de obras, os acessos restritos, participando da mediação para os visitantes e, por fim, a construção deste artigo.

Em dois dias, durante meu estágio no museu, recebi elogios da professora Leísa Sasso sobre meu texto, relatando que os pontos mencionados contribuíram para um projeto que é realizado dentro do museu por ela. Isso trouxe um marco dentro da minha formação profissional e também na minha experiência com a educação museal.

Relacionar o passado com o presente às vezes é algo difícil. No entanto, perceber como as coisas mudam de maneira a ampliar olhares e perspectivas possibilita percepções e reflexões instigantes. A educação é um espaço amplo que oportuniza valores e conhecimentos que se tornam bagagens que são levadas por toda a vida. Enquanto criança, por muitas vezes brincando de professora, visitando espaços, enfrentando desafios e medos, fui construindo saberes que contribuíram para a minha formação e para uma decisão de vida.

Escrever este memorial, refletindo sobre como um passeio escolar tornou-se importante na minha vida e na forma de como poderia ser recebida dentro do espaço visitado é instigante, posto que trouxe um marco na minha trajetória e resultou na escrita deste artigo.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Fotografia do Museu Nacional da República.

Figura 2 - Fotografia da exposição Daiara Tukano – Maloka.

Figura 3 - Fotografia da exposição Daiara Tukano.

Figura 4 – Fotografia de alunos da rede pública na mediação da exposição do artista Igor Vidor.

Figura 5 – Fotografia dos alunos da rede pública na galeria principal do MuN.

Figura 6 e 7 - Fotografia dos alunos da rede pública ação educativa com visita mediada.

Figura 8 – Gráfico da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros: Um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal – PEMBrasil.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UnB – Universidade de Brasília.

MuN - Museu Nacional da República Honestino Guimarães.

SEEDF- Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

SECEC-DF - Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

PNEM - Política Nacional de Educação Museal.

SAE - Seção de Assistência ao Ensino.

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

EVG - Escola Virtual de Governo.

REMs - Redes de Educadores de Museus.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

GEAPLA - Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação.

SETEC - Secretária de Educação Profissional e Tecnologia.

Educação em espaços não-escolares: um olhar para o Museu Nacional da República.

Gabriela Ferreira dos Reis
Orientadora: Renata Almendra

Resumo

O artigo explora o papel do educador em espaços não escolares, com foco no Museu Nacional da República, em Brasília. Baseado na experiência prática do Estágio Supervisionado IV do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, o estudo reflete sobre a educação museal e o potencial dos museus como espaços de aprendizagem. A análise inclui as interações com exposições temporárias, as ações educativas do Projeto Territórios Culturais e as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). O artigo destaca a importância do diálogo entre escola e museu na promoção de pertencimento, identidade cultural e acesso democrático à arte, evidenciando os desafios e avanços necessários para ampliar o impacto educativo das instituições museológicas no Brasil.

Palavras-chave: Educação Museal; Museu Nacional da República; Pedagogia; Espaços Não-Escolares; Projeto Territórios Culturais.

Abstract

The article explores the role of educators in non-school settings, focusing on Museu Nacional da República, in Brasília. Based on the practical experience of the Supervised Internship IV from the Pedagogy course at the University of Brasília, the study reflects on museum education and the potential of museums as learning spaces. The analysis includes interactions with temporary exhibitions, the educational actions of the Cultural Territories Project, and the guidelines of the National Policy on Museum Education (PNEM). The article highlights the importance of dialogue between schools and museums in fostering a sense of belonging, cultural identity, and democratic access to art, while emphasizing the challenges and necessary advancements to expand the educational impact of museum institutions in Brazil.

Keywords: Museum Education; Museu Nacional da República; Pedagogy; Non-School Spaces; Cultural Territories Project.

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Curso parte da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado IV: Espaços Educativos Não-Escolares do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Tal estágio curricular obrigatório tem uma carga horária de 90 horas que se dividem da seguinte forma: 60 horas devem ser realizadas no campo de estágio e 30 horas são destinadas para discussões teóricas e orientações dadas em sala de aula pela professora da Faculdade de Educação responsável pela disciplina.

Meu estágio foi realizado no Museu Nacional da República Honestino Guimarães (MuN), localizado em Brasília, no Eixo Monumental, próximo à Esplanada dos Ministérios. O horário de funcionamento do museu é das 9h às 18h30 de terça a domingo. Estive sob a supervisão da Leísa Sasso, que é doutora em Arte, professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) em atuação na Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF) e responsável pelo Programa Educativo do museu. Embora sua formação não seja em Pedagogia, sua atuação articula saberes e práticas pedagógicas.

A experiência vivenciada em um dos mais famosos e icônicos museus de Brasília despertou em mim um olhar mais atento sobre como o espaço museal pode ser usufruído para o ensino-aprendizagem de todos os visitantes. Percebi a importância de um educador nos museus, não só para fazer a mediação dos visitantes com as obras ali expostas, mas também para criar projetos e ações educativas e culturais que atendam às necessidades dos diversos tipos de público.

É importante ressaltar que o Museu Nacional da República é um museu de arte contemporânea que promove exposições temporárias de acesso gratuito aos visitantes brasileiros, estrangeiros e alunos de escolas e/ou faculdades de ensino público ou privado. Em virtude disso, a própria localidade do Museu Nacional, situado entre a rodoviária e a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida permite a facilidade de acesso para todos os visitantes. Em sua área externa observam-se pessoas em atividades de lazer, como skate, patins, caminhada, encontro de grupos de amigos etc.

Oscar Niemeyer, ao projetar o Conjunto Cultural da República, planejou em frente ao MuN, espelhos d'água que refletem a beleza dos céus com o lindo cenário da cúpula do museu. Pensar em todos esses aspectos, tanto interiormente quanto exteriormente, traz a

ideia de que o museu dialoga com a cidade, partindo de cada detalhe daquilo que permite ser observado e refletido.

O processo pedagógico dentro do museu acontece com metodologias de ensino não formal que partem de interação e trocas de saberes que podem ocorrer desde a história do museu até as obras expostas. A Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que traz princípios e diretrizes para a consolidação da educação nas instituições museológicas brasileiras, conceitua a educação museal como um “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (BRASIL, 2017).

Portanto, este tema se justifica pelo interesse no papel do pedagogo em espaços não escolares, como no caso dos museus. Percebo que este trabalho apresenta uma originalidade diante da ausência de artigos e monografias de final de curso na graduação em Pedagogia sobre este assunto, que entendo ser de extrema importância, pois mostra a amplitude do papel do pedagogo e as possibilidades de trabalho nestes espaços.

Assim, destaco que o objetivo geral deste artigo é discutir as possibilidades de atuação de um educador em um museu de arte, partindo da experiência proporcionada pelo Estágio Supervisionado IV da Universidade de Brasília. Como objetivos específicos elenco: apresentar o Museu Nacional da República e descrever a experiência vivenciada; discutir o papel do educador no espaço museal com um enfoque na Política Nacional de Educação Museal - PNEM; discutir as relações entre museu e escola; apresentar proposições e reflexões a partir da realidade vivenciada no museu.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia em que se ancora este trabalho baseia-se em um levantamento e análise de material bibliográfico e de legislações que tangem o tema, além da própria experiência *in loco* realizada durante o estágio curricular obrigatório, vivenciando o cotidiano do Museu Nacional da República e suas atribuições de rotina e proposições educativas.

Neste artigo, o primeiro tópico descreve apresentação do Museu Nacional da República, com referencial teórico do artigo do Leonardo Inojosa et al (2015), da antiga diretora do MuN, Sara Seilert (2020) e Brasilmar Nunes (2009), abordando a construção do MuN e suas especificidades. O segundo tópico traz um relato da experiência vivenciada no cotidiano do museu, a partir da realização do Estágio Supervisionado IV, tendo como

referencial um texto inédito da professora Leissa Sasso. Por fim, o terceiro traz a perspectiva da Educação Museal e o papel do educador em museus, cuja a pesquisa foi fundamentada na Política Nacional de Educação Museal – PNEM (2017), dos cursos Educação Museal I - Referencial Teórico (2023) e Educação Museal II – Histórico e práticas (2023), Fernanda Castro (2019), Vanessa Freitas (2020), Pesquisa Práticas Educativas nos Museus Brasileiros - PEMBrasil (2023) e Padró (2005). Tal tópico também discute brevemente a história da Educação Museal, o Projeto Territórios Culturais e sua realidade no Museu Nacional da República.

O MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

O Museu Nacional da República Honestino Guimarães, localizado em Brasília - DF, também conhecido como Museu Nacional (MuN), é um projeto arquitetônico imaginado por Oscar Niemeyer no período de idealização da capital, mas que, por volta de 1970, precisou de uma reestruturação devido ao alto custo de sua implementação. Ou seja, o museu, da forma como foi construído, resultou em uma edificação mais simples e econômica erguida em um curto prazo de tempo, que permitiu serem utilizadas as qualidades estruturais de concreto armado e cheio de curvas, completamente diferente do que foi proposto inicialmente.



Imagem 1 - Museu Nacional da República. Foto de Gabriela Reis, outubro de 2023.

De acordo com Leonardo Inojosa *et al* (2015), no primeiro projeto a cúpula do Museu possuía 40 metros de diâmetro e o acesso seria concedido por uma rampa curvada virada para a Esplanada. Além do Museu, haveria um restaurante panorâmico com jardim que daria outro acesso direto à parte superior da cúpula. Porém, a nova versão duplicou o tamanho do Museu, com espaço para exposições de proporções grandes, tanto que Niemeyer, menciona que:

Não é um museu de obras fixas, mas um espaço contemporâneo, um museu de ideias, do experimental, que possa receber uma série de exposições e obras do Brasil e do mundo. (NIEMEYER, apud INOJOSA; BUZAR; DE GREGÓRIO, 2015, p. 83)

Assim, o Museu Nacional possui 13.653 m² de área construída, que abriga dois auditórios, um que acomoda 80 pessoas e outro para 700 pessoas; um mezanino com curvas irregulares sustido pelo teto da cúpula através de tirantes que permitem todo um diferencial do projeto; também há dois elevadores, um para o público e outro de carga (plataforma); diversas salas para reservas técnicas, restauração, guarda e conservação de obras não expostas. O lugar onde o MuN está situado permite uma vista privilegiada da paisagem da Esplanada dos Ministérios e de todo o conjunto de edificações monumentais que marcam a Zona Central de Brasília, como a Catedral Metropolitana, o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional e a própria rodoviária do Plano Piloto.

Vale a pena destacar também o teto da cúpula, conhecido como o “céu de concreto” que, como mencionado anteriormente, provoca uma sustentação para o mezanino em formato de curvas, algo que é sempre evidente nos projetos de Oscar Niemeyer. Interiormente, o MuN possui outra rampa que dá acesso ao mezanino. Essa estrutura permite que o salão seja livre, sem pilares. Sublinha-se, ademais, que o teto do museu possui pequenos “buracos” que permitem uma refrigeração para todo o edifício.

A inauguração desse espaço aconteceu em 15 de dezembro de 2006, data comemorativa do aniversário de 99 anos de Oscar Niemeyer, com exposições de fotografias e desenhos das obras mais relevantes do arquiteto ao longo de seus mais de 70 anos de carreira. Assim, destaco que o Museu Nacional da República Honestino Guimarães é um museu de arte, com um acervo que reúne cerca de 1.400 obras originadas no Brasil desde o século XX até hoje.

O MuN não conta com exposições de longa duração. Sua proposta é abrigar exposições temporárias, que são selecionadas partindo de artistas de relevância nacional

no campo das artes visuais. Para a realização das exposições, o museu conta com 4 espaços principais, que podem ser readequados conforme as necessidades expositivas: o grande círculo (que geralmente abriga uma exposição principal), mezanino, a galeria acervo e a galeria térreo. Destaca-se que as exposições têm uma duração média de 3 meses. A ex-diretora do Museu, a artista visual Sarah Seilert, menciona que:

Essas exposições temporárias são fundamentais para possibilitar uma dinâmica necessária à funcionalidade do Museu, que promove, divulga e garante acesso à arte, além de estimular repetidas visitas por parte do público local e do público externo ao DF, já que a programação está em constante mudança (SEILERT, 2020. p. 186).

Sarah Seilert destaca ainda outra característica crucial do museu, que é a utilização do tom branco em todos seus espaços. Ela afirma que:

A utilização do branco como cor predominante na capital também é uma característica que merece análises e traz consigo a ideia de conjunto, de unidade, o monocromático como escolha estética dos edifícios, em especial dos que estão dispostos no Eixo Monumental, como é o caso do Museu Nacional da República (SEILERT, 2020. p. 186).

Nunes (2009) acrescenta que a cor branca possui uma sintonia com todos os prédios pertencentes ao Conjunto Cultural, no Eixo Monumental, permitindo um diálogo entre eles com uma ideia de neutralidade. O autor também destaca a democratização do acesso ao MuN, que tem a gratuidade das exposições como parte de sua política institucional. Em complemento, relata que:

Agrega-se a este aspecto o fato de que as exposições ali são gratuitas, com horários flexíveis, se estendendo para além do horário do expediente do trabalho das repartições públicas que o circundam (NUNES, 2009, p. 146).

No presente momento, a organização do Museu Nacional da República tem a artista visual Franciele Favero como atual gerente responsável pela cúpula, com uma equipe que envolve a coordenação do educativo, equipe de mídia e tecnologia, equipe de comunicação, equipe de limpeza e segurança. Este museu voltado para a arte contemporânea tornou-se um grande impulsionador da economia da cultura por meio das diversas exposições temporárias, tanto nacionais quanto internacionais. Além do mais, o

MuN recebe eventos, mostras de filmes, festivais, seminários e inúmeras atividades sociais e culturais, não só na sua área interna, mas também na externa ao museu.

Quando fiz meu estágio obrigatório no MuN, a instituição contava com uma equipe de 4 estagiários que atuavam na área educativa sob a supervisão da professora e pesquisadora Leísa Sasso. Esta equipe trabalhava com os preceitos do Projeto Territórios Culturais no Museu Nacional da República, cujo objetivo é ampliar as experiências e diálogos entre os visitantes e o acervo do museu. Mais adiante apresentaremos de forma mais detalhada este Projeto, que é fundamental para que o museu desenvolva ações educativas junto ao público escolar.

Esse espaço recebe um grande público diariamente, desde turistas brasileiros e estrangeiros, visitantes de Brasília, artistas e estudantes. As escolas, empresas e outros grupos também podem agendar previamente visitas guiadas para o museu. Chegando lá, os visitantes também podem solicitar no balcão uma visita guiada, caso seja do seu interesse.

Dessa forma, o Museu Nacional da República é um espaço educativo onde a todo momento os sujeitos refletem questões sociais, artísticas, históricas, políticas e culturais, seja por meio das obras expostas, pela arquitetura ou pela mediação feita pelo educativo. Observei, ao longo do meu estágio, que a maioria das pessoas que visitam o museu são de classe social mais alta, que frequentam a instituição por diversos motivos como hobby, lazer ou prestigiar os artistas. Outro grupo bem comum são os turistas que estão visitando a capital e vão conhecer esse ponto turístico. Acredito que grande parte desses turistas também são escolarizados e já tem costume de ir a museus em suas cidades. Com o educativo do museu, os laços entre as periferias estão se estreitando, pois as visitas de escolas dessas localidades são bem mais frequentes, possibilitando visitar/explorar esse local público de acesso gratuito onde a maioria dos estudantes nunca tinha conhecido ou acessado.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

A minha experiência dentro desse icônico museu de arte ocorreu durante a exposição “Pamuri Pati – Mundo de Transformação”, da artista visual indígena Daiara Tukano. Além de artista, destaca-se que Daiara é também curadora, professora e ativista, graduada em Artes Visuais e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília – UnB. Suas pesquisas e suas obras artísticas são voltadas ao direito à memória dos povos

indígenas. No dia 10 de outubro de 2023, antes da inauguração da exposição, Daiara Tukano, de maneira objetiva, realizou a curadoria com toda equipe do MuN, abordando uma retrospectiva sobre sua carreira em acréscimo à sua naturalidade de São Paulo e a comunidade indígena a qual pertence - Tukano, do Alto Rio Negro na Amazônia.

Durante essa conversa com a equipe, a artista relatou que todas as obras expostas têm um marco gigantesco em sua trajetória e a sua exposição no MuN foi a maior mostra de uma artista indígena na instituição, com mais de 70 obras dentro da cúpula. Suas obras partem muito de cosmologias e ancestralidades, visto que os povos originários acreditam que o mundo está em constante transformação, ou seja, a artista retrata em suas obras a própria história e/ou cultura do seu povo partindo da sua concepção sobre a origem da vida e como se deu o surgimento da mulher.

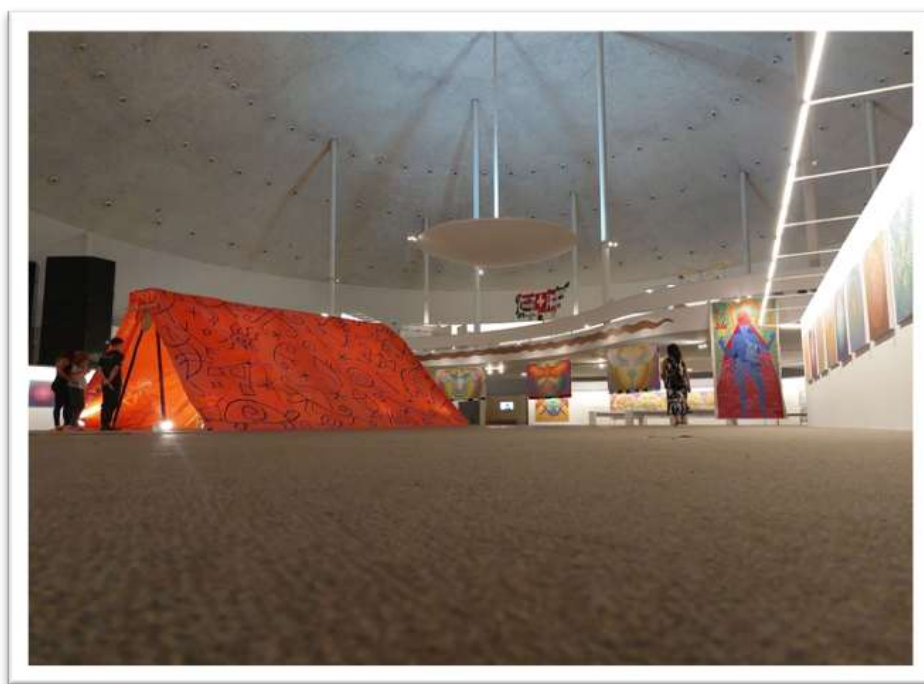


Imagem 2: Exposição Pamuri Pati – Mundo de Transformação, de Daiara Tukano. Foto de Gabriela Reis, outubro de 2023.

As obras de Daiara merecem destaque, porque além das pinturas de telas, a artista trabalha com projeção de imagens que também estavam retratadas na Maloka (imagens 2 e 3), isto é, uma tenda coberta com uma lona laranja com várias imagens pintadas. Essa exposição de imagens contribuiu para que a artista fosse considerada original ao utilizar projeções em suas exposições.



Imagem 3: Exposição Pamuri Pati – Mundo de Transformação, de Daiara Tukano. Foto de Gabriela Reis, outubro de 2023.

Por outro lado, dias antes da inauguração das obras de Daiara Tukano, também tive uma experiência interessante com outra exposição que estava no mezanino do MuN. O artista Igor Vidor propôs uma mediação em sua exposição “O céu Noturno Crivado de Balas” para a equipe do museu. As obras de Vidor retratam sinais de violência e injustiça social enraizadas na sociedade, com foco na criminalidade do Rio de Janeiro. Durante a conversa, o artista perguntou “vocês se sentem seguros aqui?”. De maneira geral a resposta foi sim, mas isso causou estranheza para alguns e desconforto para outros. Em seguida, ele deu uma demonstração pegando o celular da educadora Leísa enquanto se afastava, fingindo que o levaria embora. Ele explicou que a falta de confiança entre os pares faria alguém colocar uma cerca entre um e o outro, depois câmeras de segurança. Toda essa dinâmica foi para situar sua crítica à milícia do Rio de Janeiro e sua afirmação de que a insegurança precisa ser vendida para promover um mercado em torno do medo e dessa insegurança, desde bloqueios, armas e objetos à prova de balas.

As obras do artista mostravam sangue em lençóis, tráfico, armas, coletes e instrumentos a prova de balas, câmeras, conflitos armados, objetos de aviso para facções etc. Por conta da temática de violência e do apelo das obras de Igor Vidor, a educadora Leísa precisou mudar o planejamento de recebimento do público escolar, restringindo para

estudantes de Ensino Médio e os Anos Finais do Ensino Fundamental. Quando acompanhei as mediações educativas realizadas nesta exposição, ao ver as reações dos estudantes e ouvir os diálogos entre eles, percebi que muitos deles entendiam o que estava representado nas obras porque estas refletiam, de alguma forma, a realidade das cidades periféricas do Distrito Federal onde moram.

Em uma das obras, intitulada *Um labirinto: branco sobre sangue*, o artista afirma ter usado lençóis cedidos por familiares de moradores de áreas de conflito armado que serviram para cobrir corpos. O que ele alega serem manchas de sangue foram cobertas com tinta branca para atenuar a cor. Poucos se atreviam a caminhar lá dentro, devido ao mal-estar que causava, alguns passavam desavisados até se darem conta do que tratava a obra.

As duas exposições, que aconteceram simultaneamente nas galerias do MuN, trouxeram realidades sociais completamente diferentes uma da outra. Enquanto Daiara Tukano apresentava as inúmeras transformações que podem ocorrer no ser humano e na natureza com a valorização dos povos indígenas e a preservação da natureza, Igor Vidor retratava a violência presente no mundo dos “brancos”, que se estende às demais pessoas de maneira grotesca. É interessante perceber a dimensão educativa do Museu Nacional da República, que não apenas visa valorizar a diversidade cultural e artística, mas que possibilita aos seus visitantes a oportunidade de fazer uma leitura de mundo partindo das imagens e os objetos que mobilizam conhecimentos e despertam curiosidades daquilo que pode ser explorado por meio da fruição das obras.

A experiência vivenciada possibilitou o acompanhamento da montagem das duas exposições mencionadas. Por alguns dias, o museu ficou completamente vazio, as paredes móveis foram removidas de lugar, em preparação para as exposições que ocupariam o espaço. A educadora Leísa Sasso, em seu artigo “Museu Vazio: uma experiência artográfica” (no prelo), descreve como articula um trabalho de mediação com estudantes da educação básica nesses momentos em que o museu está vazio, ou seja, sem exposições em cartaz. De acordo com a autora:

Entre as exposições que vêm e vão, o Museu se transforma em um espaço de possibilidades ilimitadas. Como educadora para a sensibilidade, o simples fato de os estudantes entrarem nesse espaço já é um evento artístico e pedagógico que possibilita vários modos de percepção estética. A partir da sensação de estar, de existir em relação ao espaço e nesse meio ambiente, já é possível formular questões relacionadas à expressão do sentimento de estar diante daquele espaço, de estarem relação com o que se está presenciando (SASSO, no prelo).

As fotografias a seguir retratam, respectivamente o recebimento de grupos escolares em visita à exposição de Igor Vidor e o trabalho desenvolvido com os estudantes quando eles chegam em um momento em que o museu está num interstício entre exposições e, portanto, vazio de obras.



Imagem 4: Estudantes da rede pública do Distrito Federal na exposição de Igor Vidor. Outubro de 2023.
Fotografias de Gabriela Reis.



Imagem 5: Estudantes da rede pública do Distrito Federal na galeria principal do MuN. Outubro de 2023.
Fotografias de Gabriela Reis.

Assim, pude acompanhar esse trabalho da Leísa Sasso no museu sem exposições. Ao receber grupos de estudantes da Educação Básica, a educadora sempre questionava e

interagia com os alunos, propondo desafios em desenhos (era para eles desenharem o museu e enviar fotos), brincadeiras partindo do eco que é presente dentro do museu com palmas e batidas no chão. Leísa também utilizava das rampas do museu com um momento de diversão, em que os alunos desciam rolando e, por último, brincavam de estátua. Leísa, em seu artigo, explica como conduz a atividade:

Peço para que me sigam para criarmos música juntos, todos acompanhando o ritmo conduzido por palmas, estalar da língua, batidas das mãos nas pernas, no peito e no chão. Uma palma seguida de duas batidas de mãos no chão. A poética acontece. Poética no sentido grego de produção artística. Poética que promove estesia. Pergunto: Quem sabe fazer percussão? Quem é bom de ritmo? Um estudante logo assume o comando do ritmo (SASSO, no prelo).

As imagens 6 e 7, a seguir, mostram alguns desses momentos de interação e do trabalho desenvolvido com os estudantes nesses momentos marcados pelos interstícios das exposições.



Imagens 6 e 7: Grupos de estudantes em ação educativa mediada por Leísa Sasso. Outubro de 2023. Foto de Gabriela Reis.

Dentre todos esses momentos interativos com os alunos, algumas orientações também eram passadas sobre a questão da valorização e preservação do ambiente, trazendo o entendimento que o MuN é patrimônio pelo fato de pertencer a todos. Além disso, uma pergunta de extrema importância feita pela mediadora aos grupos escolares era: “Quem já veio ao Museu? Vocês vieram com seus familiares ou somente com a escola? Qual de vocês está visitando o museu pela primeira vez? Ao observar as respostas, a maior parte dos alunos acessam e visitam o Museu somente por meio dos passeios da escola. Nesse sentido, Leísa menciona que:

Nosso objetivo, através das mediações culturais e da metodologia artográfica, é criar uma conexão entre a identidade de jovens e crianças com memórias afetivas positivas das visitas ao Museu, fomentando um sentimento de pertencimento a este espaço. Para tanto, trabalhamos com questões que trazem ao Museu as vivências dos estudantes para relacioná-las ao que veem e sentem nesse lugar. Trabalhamos com diálogos freireanos que criam afetos, ou seja, com questões que aproximam as vivências dos visitantes das obras expostas que passam a significar e encantar. Esses afetos são combustíveis para que posteriormente nas escolas ou em casa os visitantes produzam criações artísticas e reflexões a partir de desafios lançados aos jovens e adultos no museu. Trata-se de provocações para a pesquisa a fim de aproximá-los desse contexto extraordinário. Desafiar os jovens tem sido uma estratégia para as práticas artísticas que podem vir a ser produzidas e que retornam ao museu para compor uma colcha de retalhos de criações artísticas dos visitantes na ocasião do 15 de dezembro, aniversário do Museu Nacional (SASSO, no prelo).

Assim, percebemos a intenção da educadora em promover uma significativa imersão cultural desses estudantes que visitam pela primeira vez o museu-monumento, proporcionando um momento em que eles possam se familiarizar com o ambiente, permitir que se sintam confortáveis em um espaço tão grandioso, sentando-se em grandes rodas no chão e a voz da mediadora sendo amplificada com o eco que se repete pelas ondas sonoras. Toda essa experiência se torna um grande aprendizado por meio dessa ação educativa.

Para mim, a experiência vivenciada viabilizou um momento incrível de aprendizado sobre o trabalho de educação museal. Além disso, foi possível apreciar Daiara Tukano pintando algumas obras que foram apresentadas na exposição. A artista relatou que tudo é arte, as cores, os traços e toda a montagem da exposição dialoga com a proposta curatorial. Leísa relatou que dificilmente encontrava o Museu com tantos visitantes, como foi no período da exposição da Daiara. Observar as duas realidades entre o vazio e o preenchimento, das obras e das curadorias fez com que o estágio fosse enriquecedor. Cada acompanhamento nas mediações era um aprendizado com as escolas atendidas. Saber que o Museu também me pertence é viajar em um universo de ideias que jamais pensaria sem a prática vivenciada. Por diversas vezes estive no Museu a passeio, mas nunca pensei que, como estagiária, receberia a mediação de dois artistas e acompanharia cada montagem das obras. Sim, mesmo sem imaginar, eu vivi esses momentos e foram únicos!

EDUCAÇÃO MUSEAL E O PAPEL DO EDUCADOR EM MUSEUS

A educação museal no Brasil tem seu marco de origem com a criação da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1927. Idealizado por Roquette Pinto, o SAE nasceu com objetivo de lidar com as visitas escolares ao Museu, atuando não somente na difusão de ciência, mas também na virtude de abertura de experimentações, partindo das vivências de cada discente por meio do acervo de ciências naturais e etnologia do Museu Nacional. Destaca-se que o SAE continua ativo até os dias de hoje, sendo uma importante frente de atuação do Museu Nacional, hoje vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No entanto, é importante destacar que atualmente o SAE realiza cursos, palestras, campanhas educativas, além de orientar o público em visitas às exposições do Museu Nacional e organizar exposições de longa duração e temporárias, a fim de atender aos seus objetivos educacionais.

No final do século XX e início do século XXI, vários grupos de pessoas já visitavam os museus com o intuito de acrescentar mais essa ferramenta à rotina de aprendizagem escolar. Em 1956 essa relação museu e escola viabilizou um importante Decreto no Estado de São Paulo, que originou a criação de museus históricos pedagógicos, entendidos como instrumentos de educação do público e como recurso pedagógico a serviço da escola.

Após o estabelecimento da Seção de Assistência ao Ensino - SAE, novos setores educativos demoraram a surgir no Brasil, embora os muitos museus já estivessem alargando suas ações educativas, a exemplo do Museu Histórico Nacional, do Museu Casa de Rui Barbosa, Museus Castro Maya, todos no Rio de Janeiro e do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. De acordo com o Curso Educação Museal II: Histórico e Práticas, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus e disponível na plataforma da Escola Virtual de Governo (EVG):

O Museu Histórico Nacional teve função educativa desenvolvida desde a sua fundação, em 1922, ou o Museu Paulista, que, ainda na década de 1910, recebia milhares de visitantes e já realizava ações de cunho educativo – só tiveram seus setores educativos institucionalizados após a primeira metade do século XX. No final da década de 1950, foi a vez do Museu Casa de Rui Barbosa e da Pinacoteca do Estado de São Paulo; na década de 1970, Museus Castro Maya, Museu Lasar Segall; e, na

década de 1980, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-SP). Esse movimento de criação de setores educativos não é linear. Por vezes eles surgem e depois deixam de existir nos museus, seja por falta de ferramentas de gestão, como regimentos e planos museológicos, seja pela falta mesmo de educadores (EVG; IBRAM. Curso Educação Museal 2: Histórico e práticas, 2023, p.19).

Com diversos desafios encontrados, a relação do museu com o público visitante era a tônica discutida por vários pesquisadores. Em 1932, Bertha Lutz, pesquisadora do Museu Nacional, visitou 58 instituições nos Estados Unidos a fim de conhecer as propostas educativas de cada espaço. Esse conhecimento adquirido oportunizou um retorno com propostas de incluir públicos, ações e novas relações entre o museu e a sociedade. É de Bertha o primeiro livro escrito no Brasil abordando a função educativa dos museus¹.

Fernanda Castro (2019), em seu artigo “A construção do campo da educação museal: Políticas Públicas e Práticas Profissionais”, menciona que “A Educação Museal vem sendo realizada como prática educacional específica e consolidando-se como campo de construção de conhecimento há mais de um século no Brasil” (p.2). De acordo com a autora, todos esses parâmetros resultam em reflexões sobre políticas públicas de museus, que ao longo do tempo engendrou a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), de 2003, que abarca as implementações e mudanças ocorridas desde o século XX, juntamente com as ferramentas de desenvolvimento, metodologias e elaboração de procedimentos no campo museológico. Nesse escopo, houve, posteriormente, a criação e a validação da Política Nacional de Educação Museal - PNEM em 2017.

A Política Nacional de Educação Museal - PNEM é um importante instrumento para o campo dos museus e estabelece princípios e diretrizes com a finalidade de orientar a ação educativa nas instituições museológicas brasileiras, a fim de fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores. O Caderno da Política Nacional de Educação Museal (2018), publicação que conta a história da criação desta importante política pública para o campo museológico brasileiro, traz também conceitos e definições que balizam essa área:

¹ A obra de Bertha Lutz, intitulada *A Função Educativa dos Museus*, derivou desta viagem da pesquisadora aos EUA em 1932. No entanto, o livro só foi publicado em 2008 pela Editora Muiiraquitã.

A Educação Museal envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva (IBRAM, 2018, p. 73).

Destaca-se, ademais, ainda de acordo com o que está disposto no Caderno da Política Nacional de Educação Museal, a ação consciente que parte dos educadores para atender diferentes visitantes, permite que a educação museal enfatize a memória, a ciência e o patrimônio cultural como elementos que caracterizam a humanidade, isto é, a linguagem, cultura, tecnologia e subjetividade. Todos esses parâmetros consentem que o público produza novos conhecimentos partindo daquilo que pode ser observado e tocado.

Assim, entendo que a educação museal está relacionada às ações baseadas no diálogo e traça objetivos, estruturas e organização própria que pode se relacionar com outras realidades que não são específicas do museu, mas que também “inclui o reconhecimento do patrimônio musealizado, sua apropriação e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade diante dos diversos grupos culturais que compõem a sociedade” (IBRAM, 2018, p. 73).

Dessa forma, o Caderno da PNEM estabelece que a Educação Museal é:

(...) uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. (IBRAM, 2018, p. 73)

De acordo com o curso de Educação Museal I - Referencial Teórico (2023), também produzido pelo Instituto Brasileiro de Museus e ofertado pela Escola Virtual de Governo (EVG), o museu elenca um conjunto de informações tocantes ao poder de determinadas classes sociais, etnias e gerações, que se traduz em seu acervo e nas narrativas expositivas. É um processo que parte, juntamente a uma ação pedagógica, a qual inclui

ações educativas planejadas e experiências vividas partindo de cada indivíduo, ou seja, considera relações de trabalho, amizade e comunidade.

A educação, entendida por este viés, é bastante peculiar, pois constrói um aprofundamento de consciência aplicando uma série de estratégias interpretativas. Assim, pode-se dizer que o papel do educador dentro dos espaços museológicos é planejar e promover experiências pertinentes de aprendizagem, que permite o compartilhamento de saberes e/ou conhecimentos entre conversas do visitante com educador, ou seja, “uma “conversa” dialógica, que ouve e dá voz.” (Curso Educação Museal 1 Referencial Teórico, 2023, p.16).

No entanto, ainda em consonância com o Caderno da Política Nacional de Educação Museal, destaco que:

Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. Vale ainda ressaltar que a Educação Museal, como processo museal e ação profissional específica, difere-se de ações de comunicação e de mediação cultural, por seus objetivos, metodologias e conteúdos próprios, porém sem deixar de ser necessário que seja integrada a essas práticas” (IBRAM, 2018. p. 73-74).

Outra consideração importante disposta dentre as diretrizes da PNEM (2017) é garantir que as instituições museais tenham equipe qualificada e multidisciplinar, com dotação orçamentária e esferas decisórias, conforme disposto na Portaria nº 422 de 30 de dezembro de 2017:

Art 4º III. Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas de decisões do museu (BRASIL, 2017, p.129).

Em específico, o Museu Nacional da República não tem uma profissional formada em Pedagogia atuando na área educativa da instituição. Porém, Leísa Sasso, licenciada em Artes, é uma educadora que usa da criatividade e associa não somente o interior e o exterior do MuN, mas também realiza mediações que permitem que o público instigue e dialogue com aquilo que está sendo proposto. Além disso, ela se compromete a desempenhar as ações propostas no Projeto Territórios Culturais.

De acordo Vanessa Freitas (2020), o Projeto Territórios Culturais foi criado com o intuito de favorecer os discentes da rede pública de ensino do Distrito Federal a acessarem qualquer espaço museológico para se apropriarem e apurarem dos bens culturais que podem ser materiais e imateriais, por meio de sua inserção nos territórios que são culturais e também educativos.

Todo este processo está relacionado à educação museal e patrimonial. A execução dessas duas dimensões resulta em evidenciar que o processo de ensino aprendizagem não está somente restrito a um espaço escolar, com caráter formal, mas, este projeto visa:

(...) reforçar um ponto crucial a ser desenvolvido pela SEEDF, isto é, a compreensão de que a educação é uma prática sociocultural e, portanto, a escola deve ocupar os diferentes espaços integrando-se aos seus contextos locais e culturais a fim de possibilitar aos sujeitos o conhecimento de si e do mundo para que estes possam agir de forma crítica e consciente na sociedade (FREITAS, 2020, p. 37).

A educação dentro dos espaços museológicos pode ser realizada de forma crítica, democrática, multicultural, polifônica e decolonial. Cabe ao educador que atua nos espaços museológicos trazer reflexões e questionamentos em relação à narrativa que está sendo proposta pelo museu, seu acervo e suas exposições. Com o público escolar, tais abordagens podem, ainda, dialogar com os currículos e conteúdos estudados em sala de aula.

Nas últimas décadas, observa-se que o vínculo do museu com a escola se intensificou, sendo hoje os grupos escolares o público prioritário das ações educativas desenvolvidas pelos museus brasileiros, conforme resultados da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros (PEMBrasil, 2023). Essa realidade não é diferente no Museu Nacional da República, que atende, semanalmente, dezenas de grupos de escolas oriundas de todo o Distrito Federal e do entorno.

Nesse sentido, Padró (2005) destaca o caráter educativo dos museus, que deve acolher não somente grupos escolares, mas diferentes tipos de público:

Os museus são considerados lugares de educação não formal e de ócio para todas as idades. E lugares para combater a exclusão social, promover a cidadania ativa, o desenvolvimento pessoal e a inovação (...) os visitantes são, pois, vistos como participantes no diálogo com os educadores entendidos como mediadores da aprendizagem (PADRÓ 2005 apud FREITAS, 2020, p. 55).

Ao atuar em um museu, um educador pode ter diversas abordagens, a depender do público com o qual ele dialoga. A autora Vanessa Freitas (2020), menciona algumas dessas abordagens: uma delas se baseia em uma comunicação mais direcionada a especialistas da área cultural, produtores e profissionais do campo museal e pode se dar por meio de palestras, publicações e mesmo visitas guiadas com enfoques mais específicos. Uma outra abordagem, que Freitas nomeia como “discurso reprodutivo”, traz informações ao público visitante, sem necessariamente estabelecer com ele um diálogo de reciprocidade e compartilhamento de experiências. Diferentemente, podemos também adotar uma abordagem mais crítica e dialógica, partindo da escuta do público, suas visões de mundo e compreensões acerca do que está exposto no museu. Por fim, Freitas destaca a importância do educador museal adotar uma abordagem “transformadora”, que visa qualificar o museu como agente politicamente engajado de mudança social.

De acordo com Leilane Lima e Mário Polo (2012), a organização museal conta com a ação do educador para garantir o funcionamento da instituição, comunicando o acervo exposto por meio do recebimento de públicos e patilha de conhecimentos, impressões e sentimentos acerca dos objetos e obras. De acordo com os autores, este processo de troca de saberes por meio da comunicação com o público se dá a partir das estratégias diretas e indiretas das interações, tendo em vista que o educador não apenas exerce o papel de mediador, mas também, “deve ser motivador, facilitador e provocador da ressignificação do patrimônio cultural musealizado pelo público.” (p. 27).

Assim, entende-se que a atuação educativa contribui para atribuir sentido, valor e significado aos bens musealizados. A proposta é estimular no visitante a observação do que está sendo exposto, valorizando as diferentes perspectivas e potencialidades que oportuniza troca de saberes com diálogos interpretativos e criativos.

No caso do Museu Nacional, observa-se que a educadora assume esse papel tanto para proposição de uma relação cultural do MuN com o público visitante, sobretudo o escolar, como também no desenvolvimento de planejamentos pedagógicos a partir de cada exposição em cartaz, formulando ações educativas a partir dos diversos sentidos patrimoniais que podem ser mobilizados em cada mostra. Além disso, em específico, o Museu Nacional da República se compromete na conquista de novos públicos e na inclusão social de forma a viabilizar um impacto por meio dos canais de comunicação e redes sociais da instituição.

Assim, o engajamento do educador na instituição museológica onde atua pode ser potencializado por meio de ações que extrapolam a recepção e mediação do público visitante. Trazendo novamente a Pesquisa Práticas Educativas nos Museus Brasileiros (2003), evidencia-se, a partir do gráfico reproduzido a seguir, a gama de possibilidades de trabalho dos educadores museais, como diálogo com as Redes de Educadores de Museus (REMs), aproximação com escolas e professores, produção de eventos, como seminários, palestras, debates, clubes de leitura etc.

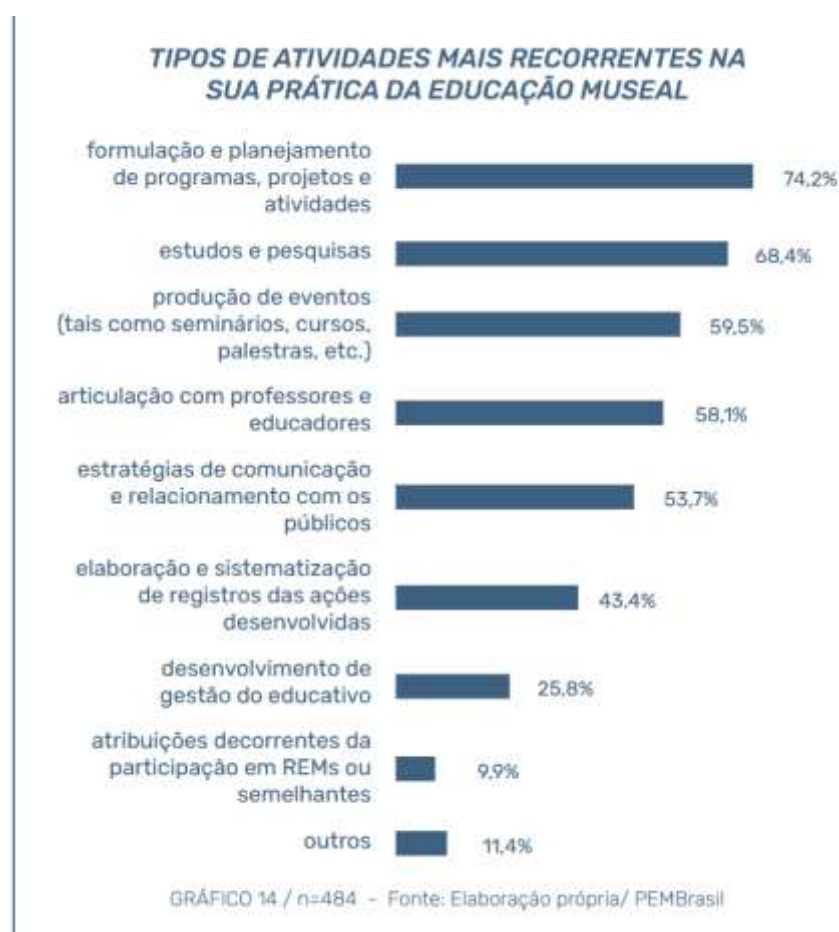


Imagem 8 – Gráfico da Pesquisa PEMBrasil. Fonte: IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus; OBEC-BA, Observatório de Economia Criativa da Bahia. Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros: Um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal – PEM. Brasília - DF, 2023, p. 40.

Ademais, os educadores podem, como é recomendado pela Política Nacional de Educação Museal, participar do planejamento do museu como um todo, contribuindo na elaboração do Plano Museológico, não só no que tange ao Programa Educativo e Cultural, mas também opinando acerca de questões relacionadas à exposição, acervo, segurança e até mesmo curadoria.

A nível nacional, a educação patrimonial não figura dentro dos eixos transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas aparece articulada com atividades de educação para a Diversidade, Cidadania e Educação e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade.

Na Secretaria de Educação do Distrito Federal, a educação patrimonial fica a cargo da Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação (GEAPLA) e aparece de forma mais clara no Currículo em Movimento e em portarias internas como a Portaria 265 de 16 de agosto de 2016, que institui a Política de Educação Patrimonial da SEEDF. A parceria entre a SEEDF e a Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SECEC-DF) contribuiu para o cumprimento dessa dimensão da educação patrimonial, que se ancora na promoção de identidade, memória e pertencimento dos estudantes da educação básica do DF em relação a seus territórios de experiência.

Dessa forma, se evidencia que o Projeto Território Cultural, fruto desta parceria, busca aumentar a oferta de oportunidades de visita de grupos escolares dentro desses espaços culturais, a fim de garantir o direito à cultura aos estudantes da educação básica do Distrito Federal.

Além disso, o projeto também disponibiliza uma perspectiva pedagógica que amplia possibilidades de ensino aprendizagem em diversos espaços simbólicos do Distrito Federal, garantindo que os alunos da rede pública de ensino tenham a formação de saberes relativos ao patrimônio cultural para consolidar noções de pertencimento, identidade e memória, fomentando a inserção do museu com a escola, favorecendo apreciação, reflexão crítica, experimentação e fruição artísticas com pressuposto do Currículo em Movimento da Educação Básica e a Política de Educação Patrimonial (FREITAS, 2020).

Ultrapassando as barreiras físicas da escola, Leísa Sasso desenvolve este projeto dentro do Museu Nacional da República, que conta com um ônibus disponibilizado pelo próprio MuN para buscar e levar alunos da rede pública do Distrito Federal com quilometragem de até 100 km por dia. A quantidade de escolas que visitam o museu varia de acordo com o agendamento, podendo chegar a duas ou três por cada turno, atendendo estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais e finais, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica e Educação do Campo, conforme está previsto dentro do Projeto Território Culturais.

É importante ressaltar que este projeto teve início no final do segundo semestre de 2017 e foi remodelado em 2018, após o processo seletivo de professores com experiência dentro da educação patrimonial da SEEDF com a Secretária de Educação Profissional e Tecnologia (SETEC). Em 2019, o projeto atendeu mais de 25 mil estudantes em todos os segmentos de ensino.

O projeto se compromete a oportunizar caráter inovador e dinâmico que os espaços fora da sala de aula podem propiciar na vida dos estudantes, promovendo um olhar crítico, de engajamento e transformador da sociedade (FREITAS, 2020, p. 42).

Nesse sentido, e para finalizar nossa análise, aponto a importância do Projeto Territórios Culturais para que os museus públicos do Distrito Federal possam cumprir a sua função educativa, mesmo que o projeto atue de forma paliativa. Destaca-se a ausência de servidores nesses espaços públicos culturais, posto que o Governo do Distrito Federal realizou concurso público para a SECEC há mais de 10 anos. Não fosse o Territórios Culturais, os museus públicos do DF não contariam com educadores para receber o público escolar e, assim, cumprir seu papel enquanto patrimônios da memória coletiva da cidade.

Considerações finais

A prática vivenciada por mim na disciplina de Estágio Supervisionado IV no Museu Nacional da República foi bastante significativa e enriquecedora para meu processo de formação profissional. Essa experiência ampliou meus olhares e perspectivas sobre os lugares de atuação do pedagogo, mostrando que museus e espaços culturais podem ser espaços para o desenvolvimento e atuação profissional. A pedagogia tem esse aspecto peculiar, em que o ato de educar é uma prática, mas nem somente dentro de uma sala de aula vive o pedagogo. Para Libâneo (2010, p. 58), “[...] há uma diversidade de práticas educativas na sociedade e em todas elas, desde que se configurem como intencionais, está presente a ação pedagógica”.

Além disso, a experiência prática no Estágio Supervisionado IV, assim como a pesquisa teórica para a elaboração deste artigo, me oportunizaram refletir que a escola pode se relacionar com os patrimônios culturais, que são de todos. Hoje compreendo que ir ao museu e estar no museu deve ser sempre muito mais do que apenas uma visita e sim um aprendizado. Na vivência que tive dentro do Museu Nacional da República pude

observar como esta instituição dialoga com a sociedade, com o que está ao seu redor. Percebo que, com isso, a mediação do educativo do MuN leva em conta a dialogicidade, a problematização e a democratização do acesso à cultura, principalmente com as escolas.

Por meio das pesquisas realizadas e a partir do conhecimento de legislações inerentes ao campo museal, como a Política Nacional de Educação Museal, é possível analisar o quão o MuN ainda precisa de avanços. Políticas foram criadas, mas a falta de investimento na cultura continua deixando muitos museus sucateados, sem servidores e educadores para desenvolver trabalhos significativos com o público visitante. Nesse sentido, considerando o contexto específico do Distrito Federal, destaco que o projeto Territórios Culturais é de extrema importância na relação das escolas com os museus, pois garante o acesso dos estudantes a estas instituições, fortalecendo sua formação cultural e criando laços de identidade e pertencimento.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Fernanda. “A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional”. In: **REDOC – Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2, maio-agosto de 2019, pp. 90-114.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Portaria Conjunta n. 5 de 29 de agosto de 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Portaria Conjunta n. 18 de 16 de agosto de 2024.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Curso Educação Museal 1 - Referencial teórico**. 2023. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/953>

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Curso Educação Museal 2 - Histórico e práticas**. 2023. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/954>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, Vanessa Nascimento. COSTA, Luís Fernando Celestino da. “Projeto Territórios Culturais: Educação Patrimonial e Museal no Distrito Federal”. In: **Revista Com Censo** #20, v.7, n.1, mar/2020, p. 36-44.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: 2018.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus; OBEC-BA, Observatório de Economia Criativa da Bahia. Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros: Um panorama a partir da política nacional de educação museal – PEM. Brasília - DF, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/pesquisa-educacao-museal-brasil-relatorio-final>>. Acesso em: 05 de julho. 2024.

INOJOSA, Leonardo da Silveira Pirillo; BUZAR, Márcio Augusto Roma; DE GREGÓRIO, Marcos Henrique Ritter. “Museu Nacional de Brasília: Reflexões sobre a Interação Arquitetura x Estrutura”. In: **Revista Paranoá**, n.15, 2015.

LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Leilane; POLO, Mário Júnior. “Reflexões sobre o papel do educador de museus”. In: **Boletim Museu Histórico de Londrina**, Londrina, v.3 n.6 jan/jun 2012.

NUNES, Brasilmar Ferreira. “Eixo monumental de Brasília - a obsessão da integração”. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Recife, Brasil. vol. 11, núm. 2, novembro, 2009, pp. 139-155.

SASSO, Leísa. “Museu vazio: uma experiência artográfica”. In: MARTINS, Miriam Celeste (org). **Mediação cultural**: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade. Editora LiberArs, no prelo.

SEILERT, Sara. BOELSUMS, Mariah. “MuseuEmCasa: desafios enfrentados pelo Museu Nacional da República em tempos de pandemia e isolamento social”. In: **Revista Com Censo** #22, v.7, n. 3, Agosto de 2020. Pp. 184-190.

TUKANO, Daíara. **Biografia**. Disponível em: <https://www.daiaratukano.com/bio>. Acesso em: 27 janeiro de 2025.